

13,9%

das mulheres
têm curso
superior

37%

de aumento
nas famílias
unipessoais

21%

das famílias
têm só
uma pessoa

Educação permitiu
subida na escala social

Cursos deram à mulher forma de emancipação

Censos 2011 revela também aumento exponencial de gente a viver só

— EDUARDA FERREIRA
— eduarda.ferreira @jn.pt

A qualificação académica superior já é detida em maioria pelas mulheres, mas é neste género que mais domina o analfabetismo, indicam os dados preliminares do último censo, que dá conta também de um fenómeno crescente: famílias só com uma pessoa.

Quatro pontos de distância (13,9 para 9,9%) marcam as mulheres e os homens portugueses

que obtiveram um grau do ensino superior. A tendência que se vinha observando foi agora confirmada pelos dados do Instituto Nacional de Estatística (INE).

Este salto do género feminino no ensino superior é reconhecido pelo geógrafo Álvaro Domingues como “uma das mudanças aceleradas” da sociedade portuguesa. Segundo este professor da Faculdade de Arquitectura do

Porto, o fenómeno poderá ter muitas explicações, mas será evidente que “se deu uma aceleração da História” depois do tempo da ditadura, “em que a emancipação da mulher marcou passo”. A explicação que vê para o fenómeno é a do tempo diferente em que os jovens adultos dos dois géneros atingem a maturidade, dando ao feminino alguma vantagem no método de

estudo e aprendizagem, bem como no assumir de responsabilidades. Já o sociólogo José Manuel Mendes (ver texto abaixo), observa que “as mulheres sabem que não conseguem sair do seu lugar de classe” sem ser por via dos estudos, num mercado de trabalho bastante segregador em relação a elas”. Daí, talvez, uma maior aplicação.

Outra realidade revelada pelo

Censos 2011 foi o crescimento exponencial, na última década, da percentagem de famílias de uma só pessoa (37,3% de aumento). Álvaro Domingues anota que isto “não é exclusivo de Portugal” e pode ser explicado com a maior longevidade das mulheres e viuvez, bem como com casamentos mais tardios e menor duração das relações.

Também “há cada vez mais casais sem filhos e, quando há divórcio, cada elemento passa a viver sozinho”, engrossando a estatística. No país interior poderá predominar a questão da viuvez, diz o geógrafo, para acrescentar que este pode também ser um fenómeno da vivência cosmopolita, com padrões de vida mais instáveis.

Álvaro Domingues interroga-se sobre a influência que o desemprego dos jovens terá tido na atenuação desta percentagem elevada de famílias unipessoais. A falta de trabalho poderá já ter levado muitos jovens a regressar a casa dos pais depois de uma fugaz independência. Ou impedir mesmo que eles cheguem a sair de casa.

Para o sociólogo José Manuel Mendes, o facto de os números do INE dizerem que em Portugal 21% das famílias têm uma só pessoa apenas poderá ser interpretado quando se souber a caracterização por idades, género, zona do país e outros elementos. Se se tratar de jovens em número significativo poder-se-á dizer “que se deu uma mudança na sociedade”. Viver só pode ser uma opção ou decorrer de circunstâncias não desejadas, refere o investigador da Universidade de Coimbra, que indica “custos” para algumas situações. “As pessoas idosas são mais vulneráveis quando vivem sozinhas”, lembra. ■

Crise no sector público afecta ascensão social

Qualificação

— Professoras, juízas, técnicas superiores com diversas especializações: foi sobretudo através destas carreiras na Função Pública que ocorreu em Portugal nas últimas décadas a ascensão social das mulheres com formação académica superior. O fecho quase in-

tegral das admissões vai ter impacto na mobilidade social das mulheres, de acordo com o sociólogo José Manuel Mendes.

O investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra antevê “a vitória das elites” com a falta de recrutamento para a Função Pública. E isto porque o trabalho para o sector do

Estado “tem sido instrumento fundamental na mobilidade social”, em particular das mulheres. Tal se deve ao regime de concursos exigindo grau académico superior para determinados níveis de funções e outros crivos de avaliação que o sector privado nem sempre requer. Além do mais, há a prática da igualdade de salarial.

Com tais regras, as mulheres, mercê das suas classificações e desempenho, puderam ir ascendendo na escala social. “Está documentado”, diz José Manuel Mendes, “que, em Portugal, passar de operária a funcionária só é possível com qualificações”. Com os homens, observa o sociólogo, “há mais hipóteses de ascende-

rem na escala social”. Mesmo um curso incompleto poderá abrir-lhes portas a um lugar, devido a “um enviezamento dos empregadores privados quando recrutam”.

O sociólogo considera que a tendência, agora, com a crise decretada no sector público, é “a de o mercado se fechar aos graus académicos”, voltando também a estrutura social a fechar-se, com as elites tendo os filhos nas escolas certas e ascendendo através dos seus contactos sociais. ■